



**Nas fronteiras do tempo:
imagens e elementos que se completam em
O arco desolado, de Ariano Suassuna**

**Sobre las fronteras del tiempo:
imágenes y elementos que completan em
El arco desolado, de Ariano Suassuna**

Deividy Ferreira dos Santos¹

Resumo

A tragédia, o mito e o trágico são alguns dos elementos que podem ser encontrados no texto teatral *O arco desolado*, de Ariano Suassuna, escrito em 1952. A peça é, na verdade, uma (re)leitura atual da tragédia espanhola *La vida es sueño* (1635), de Caldéron de La Barca. Nesse intento, pretende-se discutir, a partir dos dois exemplos mencionados, os distanciamentos e as aproximações entre o que seria tragédia clássica e tragédia grega, já que a discussão empreendida perpassa também por esse percurso, bem como demonstraremos como as categorias elencadas podem ser apresentadas/pensadas na peça do autor pernambucano. Para atingir esse feito, contaremos com o seguinte aporte teórico: no que diz respeito ao mito recorreremos ao trabalho de Eliade (1978), em relação à tragédia nos respaldamos nos estudos de Aristóteles (1987), Fleig (2009) e Rohden (2009), e no que corresponde ao trágico, em Szondi (2004).

Palavras-chave: Ariano Suassuna. *O arco desolado*. Tragédia. Trágico. Mito.

Resumen

La tragedia, el mito y lo trágico son algunos de los elementos que se pueden encontrar en el texto teatral *el arco desolado*, de Ariano Suassuna, escrito en 1952. La obra es en realidad una (re) lectura actual de la tragedia española *La vida es sueño* (1635), de Caldéron de La Barca. En este intento pretendemos discutir, a partir de los dos ejemplos mencionados, las distancias y las aproximaciones entre lo que sería la tragedia clásica y la tragedia griega, ya que la discusión emprendida también discurre por este camino, así como demostraremos cómo las categorías enumeradas pueden ser presentado en la obra de teatro del autor de Pernambuco. Para lograr esta hazaña, nos apoyaremos en el siguiente sustento teórico: en lo que respecta al mito, recurrimos al trabajo de Eliade (1978), en relación a la tragedia nos apoyamos en los estudios de Aristóteles (1987), Fleig (2009) y Rohden (2009), y en lo que corresponde a lo trágico en Szondi (2004).

Palabras clave: Ariano Suassuna. *El arco desolado*. Tragedia. Trágico. Mito.

¹ Mestrando em Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bolsista CAPES. É pesquisador, cadastrado no CNPq, no grupo de pesquisa Estudos literários: fundamentos conceituais e história, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: deividyferreira@outlook.com.

Introdução

Aristóteles em sua *Poética* (1987) associa o drama à representação teatral, por assim se distinguir da epopeia que também é uma outra forma literária igualmente caracterizada pela imitação, no caso a mímese das ações. Nessa obra, o filósofo grego trata da definição sobre o conceito de tragédia referindo-se ao espetáculo como o seu modo de imitação e o restante como sendo elementos estruturantes do gênero. A elocução, o canto ou a música configuram-se como o meio de imitação de forma mais simplificadora, segundo o filósofo. A mímese, portanto, em grego, significa imitação/representação. Ainda segundo Aristóteles, imitar é uma prática natural a nós seres humanos desde a nossa infância e, nesse caso, o drama imita pessoas em ação, ou seja, a tragédia vai tratar de pessoas em ação no teatro. Tanto Platão quanto Aristóteles viam na mímese a representação da natureza, contudo, para Platão, toda a criação era uma imitação, até mesmo quando se referia a criação do mundo, uma imitação da natureza verdadeira que comumente é ligada ao mundo das ideias e ao mundo ideal. Sendo assim, a representação artística do mundo físico seria uma imitação de segunda mão, isto é, uma imitação da imitação; já Aristóteles via o drama como sendo a imitação de uma ação que na tragédia teria o efeito catártico. Ele se contrapõe e rejeita o mundo das ideias, isto é, o filósofo não aceita o que Platão vê e valoriza, então, a arte como representação do mundo.

De maneira mais didática, a tragédia, seja ela clássica ou moderna, ainda é um tema recorrente nas mesas de debates. Há muitos pesquisadores, cada um à sua maneira, que ainda tentam “entender” e desvendar os mistérios que estão por trás dessas duas categorias. Não é uma tarefa fácil, nunca foi e não será. À vista disso, a tragédia, de maneira bem geral, surge a partir da necessidade que o homem/sujeito se encontra em questionar-se e interrogar-se perante as fraquezas e as incertezas que o mundo moderno o proporciona, e dessa maneira, o mundo acaba entrando em conflito com o seu próprio espírito humano, permitindo com que ele incorra a brigar com o seu eu interior. Assim, surge as primeiras tragédias, que são oriundas dessas manifestações sociais, culturais e políticas em que o homem está mergulhado. Na narrativa literária, por exemplo, acontece algo parecido: as personagens estão se interligando e se entrelaçando o tempo inteiro, e fruto dessa relação “conflituosa”, acaba ocasionando em uma nova postura frente ao que se estava vivenciando até então. Surgem, então, as tragédias, que desnorream as personagens completamente e fazem com que elas encarem o seu caminhar dentro do

texto literário por caminhos diferentes e diversos.

Aparece o que nós conhecemos por Destino. Cada personagem literária tem um destino a ser traçado e delineado, e a partir do mundo em que algo provocador e questionador as interroga elas acabam não cumprindo o seu destino, sem falar que há tragédias em que o destino não se concretiza, justamente pelo fato de que é o moderno quem cria o seu próprio destino. Em relação à tragédia grega, à guisa de exemplificação,

[...] preocupa-se em desvendar e problematizar as questões existenciais que assolavam o homem na Grécia antiga. Ao se debater no conflito insolúvel, alicerçado no embate entre o homem e o divino, o herói experiencia a contradição a qual revela o sentido trágico de sua própria existência. Nesse sentido, a tragédia é um tirar de máscaras pelas mãos do Destino, um desnudamento do Ser diante de sua fragilidade que é inerente ao seu agir. Esse desnudamento leva àquilo que se pode identificar, sobretudo nas tragédias de Sófocles, como sentimento trágico da existência, que irrompe da consciência de que o conhecimento e ser humano são limitados. Por isso, as peças trágicas da Antiguidade clássica expõem os homens limitados e mortais, mostrando-lhes que seus erros, enganos e falhas estão, necessariamente, no horizonte de seus juízos e de suas decisões, porque eles vivem enredado [sic] em um mundo que é mais vasto e complexo do que aquilo que possam imaginar, compreender e conceber. Portanto, ao tratar do homem e das circunstâncias que o cerca, a tragédia grega apresenta, por meio do mito, uma reflexão sobre o homem, através de uma linguagem permeada por emoções. É em função deste processo reflexivo que o mito passa a ser entendido como metáfora do sentimento humano, o que ainda explica sua pervivência na contemporaneidade. (SILVA, 2019, p. 22)

Levando em consideração essa ótica, o presente artigo pretende fazer um estudo da peça *O arco desolado*, do escritor pernambucano Ariano Suassuna, com vistas a entendermos como ele se utiliza da tragédia, do trágico e do mito na construção da peça e da personagem Sigismundo, o príncipe enclausurado. É de nosso interesse também averiguar como é feita uma leitura atual da peça de Calderón de La Barca. Desse modo, entender como acontecem essas intertextualidades, que ora se aproximam, ora se distanciam, também nos interessa. Para atingir esse objetivo, o artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, a primeira seção está destinada a uma breve apresentação da peça teatral, a fim de que se mostre/se situe o enredo da obra ao leitor; na sequência, na segunda parte, discute-se a tragédia e o trágico, nosso objetivo, em tese, é examinar como essas duas categorias se imprimem na peça em questão; na terceira parte, nossa análise contará com a abordagem sobre o mito, já que consideramos que na peça de

Ariano Suassuna há a presença do mito implicando novas e importantes posturas da personagem Sigismundo no desenrolar das ações; e, por fim, fecharemos a discussão apresentando as nossas considerações finais acerca do estudo.

A contribuição desse trabalho trará à luz um tema ainda de muito interesse pelos pesquisadores, que é a tragédia, sempre com suas implicações e enigmas desafiadoras, bem como lançar visibilidade à peça teatral de Ariano Suassuna, *O arco desolado*, que infelizmente, em termos de trabalhos acadêmicos, ainda conta com poucos estudos, o que efetivamente abre espaço para que essa discussão seja levantada.

Apresentação da peça teatral *O arco desolado*

A peça *O arco desolado*, escrita por Ariano Suassuna, é uma tragédia moderna, escrita no ano de 1952, pouco comentada pelos críticos do autor. O texto teatral inicia-se com a morte da rainha e com todo o reino em constante movimentação em torno deste trágico acontecimento, ao passo que agora, após a morte, há interesses de alguns personagens do reino pela tomada de poder e pela renúncia do rei ao cargo. Este início com a morte da rainha choca, pois, a dimensão trágica, fruto da condição humana, já começa a se vislumbrar.

Essa morte é cercada por um grande mistério (e toda essa dramaticidade prende a atenção do leitor até o final da peça) e uma forte rebelião ameaça colocar o trono de Patrício, o rei, em declínio, já que até então o rei não tem herdeiro de sangue para ocupar o cargo, quando de sua “saída”. O que acontece é que a rainha escondeu um grande segredo de todos do reino, isto é, a existência de um filho. Ela conta com a confiança de Bernardo, que é o fiel servidor de Patrício, fazendo-o jurar que ninguém nunca saberá desse filho, e Bernardo é obrigado a aceitar, visto que o rei, Patrício, sempre deixou claro que ele obedecesse à rainha. Deste modo, as ações desencadeadas por Bernardo são a serviço de uma obediência de vida tanto à rainha quanto ao rei, e que por isso uma quebra desse juramento o faria ficar indiferente perante os senhores.

No entanto, quando o reino se volta para a questão de quem vai ser o novo rei e a nova rainha, muitos no reino começam a pedir que Patrício renuncie ao seu cargo e algumas ameaças internas e externas ao reino começam a surgir. Bernardo é obrigado, portanto, por força própria, a revelar que o rei tem um filho. Um filho que ele criou a pedido da rainha e que somente os dois conhecem a existência. Essa revelação é um

acontecimento trágico ao reino, pois não se esperava que algo do tipo pudesse acontecer, já que o rei encontrava-se viajando. Como explicar a existência de um filho se o rei se encontrava viajando? Será um caso de adultério? Será que a rainha está o enganando? Enfim, todas essas discussões eram o centro de conversas e debates em todo o reino. De início, Patrício não acredita que tem um filho e se pergunta pelo fato de nunca ter ficado sabendo da existência dele, não se conforma de a rainha ter escondido algo tão importante, e fica chateado com Bernardo, visto que ele também escondeu a existência desse suposto filho. Bernardo tenta explicar ao rei que se tratava de um juramento feito à rainha e que, por isso, não podia falhar/falar nada. O rei acaba cedendo e desculpando Bernardo.

Ademais, uma estranha profecia cerca o nascimento desta criança, trazendo uma reviravolta para os planos do reino. O nascimento de Sigismundo, nome dado ao filho do rei, coincide com a festa que se celebrava naquele momento: a festa do santo, o rei borguinhão, São Sigismundo. Além disso, um fato curioso também é o sonho escabroso que a rainha teve: “um parto negro, em que uma coisa terrível cobria um animal desconhecido, de forma estranha” (SUASSUNA, 1952, p. 409), esse sonho estranho é, na verdade, uma profecia de que Sigismundo pudesse crescer e se tornar uma pessoa ruim, capaz de trazer problemas ao rei e ao reino, por ter passado por tudo isso quando de seu nascimento e também por carregar esse nome. Tudo isso leva a rainha a esconder de todos, principalmente do rei, a existência da criança. Essa profecia desencadeia vários acontecimentos ao decorrer da peça, e nós, leitores, somos conduzidos a mergulhar na carga dramática a que a personagem incorre.

É válido ressaltar que tanto a morte da rainha quanto a de outros personagens ao decorrer da peça carregam um mistério, uma possível conspiração. Patrício pede para que Bernardo apresente Sigismundo a ele e não acredita que a rainha foi capaz de aprisionar o próprio filho de todos e do mundo por causa de uma “lenda”. Temendo a reação de Sigismundo ao sair da “prisão” a qual se encontra, Patrício sugere que Bernardo o traga adormecido, pois fazendo isso quando ele acordar poderá dizer que toda a sua vida não passou de um sonho (aqui uma clara referência à tragédia de Caldéron de La Barca, *La vida es sueño*), de que a vida toda estava doente e que somente agora é que acordou desse enclausuramento. Assim é feito. Sigismundo preso ao seu próprio mundo ao chegar ao mundo do “outro”, certamente o estranhamento é recorrente, e ele, no reino, é motivo de curiosidades e de estranhamentos também. Sigismundo, ao reencontrar Bernardo, o agride

verbalmente, é como se toda aquela raiva reprimida, sufocada e negligenciada, carga negativa que ele sente por Bernardo, pelo fato de o ter privado de tantas coisas, viesse à tona em segundos, e ele sentisse a necessidade de colocar tudo aquilo para fora.

Nesse caminhar, *O arco desolado*, aos poucos, vai se revelando como em um processo de vai e vem, revelação em cima de revelação, de ameaças em ameaças, se pensarmos no que nos elucida Aristóteles (1987, p. 120) quando “indica que a ação é o objeto primordial da tragédia, além do enredo”. Ao deter-se em uma peça e nessa lenda polaca, a lenda de Sigismundo, Suassuna (1987) teve que equacionar duas fontes diferentes: a lenda em si e a solução encontrada por Caldéron de La Barca. Ou seja, Ariano Suassuna praticamente foi obrigado a, de forma mais direta, trabalhar com uma fonte “popular” e outra “erudita” na construção de *O arco desolado*.

Considerações sobre a “Tragédia” e o “Trágico” em *O arco desolado*

Os estudos referentes à tragédia estão inevitavelmente ligados à contribuição do teórico Aristóteles e nele certamente são encontradas suas mais profícuas observações. Pensando nisso, há uma relativa ocorrência em se pensar também no que diz respeito ao trágico, já que estes dois elementos são diferentes, mas complementares, e podem ser vislumbrados na peça de Ariano Suassuna. De acordo com Aristóteles (1987), o termo tragédia refere-se ao gênero literário e estaria ligado às peças nas quais as personagens heroicas, podemos assim dizer, mostram uma ação nobre que suscita terror e piedade, causada por um acontecimento fatal.

Nas palavras do estudioso Luiz Rohden (2009, p. 14, grifos do autor) “as tragédias são uma *projeção e uma reflexão da nossa situação finita*, limitada, contingente de ser e de viver em confronto com o modo eterno de ser dos deuses, que têm a visão do todo e vida eterna”; e o trágico, por sua vez, seria a representação de todo um conjunto de características que partem do gênero, no caso, a tragédia, e que com a passagem do tempo passa a representar uma ideia filosófica. Em outras palavras, o trágico descreve experiências da existência humana. No texto “Poética da tragédia e filosofia do trágico”, primeiro ensaio da obra *Ensaio sobre o trágico* (2004), de Peter Szondi, o autor nos esclarece a tese que foi discutida pelos grandes teóricos da tragédia e do trágico de que “Desde Aristóteles há uma poética da tragédia; apenas desde Schelling, uma filosofia do trágico

(SZONDI, 2004, p. 23), desse modo, a tragédia se instaura como o clássico e encerra o trágico. Concordemos com Aristóteles (1987) quando o teórico afirma que:

É, pois, a tragédia imitação de uma ação de caráter elevado, completa e de certa extensão, em linguagem ornamentada e com as várias espécies de ornamentos distribuídas pelas diversas partes [do drama], [imitação que se efetua] não por narrativa, mas mediante atores, e que, suscitando o terror e a piedade, tem por efeito a purificação dessas emoções. (ARISTÓTELES, 1987, p. 205)

Ainda para Aristóteles, a tragédia é uma arte mimética que consegue explorar os aspectos da ação humana e que tem como função criar um efeito/processo catártico no público. Isto é, a tragédia imita as ações por meio de seus personagens e cada um deles apresenta temperamentos diferentes, ora mostrando terror, ora piedade no público que passa, conseqüentemente, por esse processo catártico entre essas duas paixões. Por outro lado, “o trágico, para Schelling, reside na oposição entre a liberdade e a necessidade de lutar contra o destino implacável” (ANDRADE, 2006, p. 32).

Em *O arco desolado*, observemos através da fala de Sigismundo como a personagem se encontra perante a saída do quarto “prisioneiro” a que estava destinado/acometido:

Sigismundo - Poder-se-á, porventura, subsistir envolvido por outra vestidura que não a treva e a sombra? Onde estou? Um mundo estranho e grande. É mais um sonho sem sentido. Se eu me mover, tudo regressará ao meu silêncio e quão terrível é a mudez de Sigismundo. Eu a engendro dentro de mim e eis que, perdido nessa plenitude de treva, me assalta o sofrimento. Desgraçado de mim. Onde buscar a coragem de abrir os olhos? (SUASSUNA, 1952, p. 415)

Como percebemos, este é o momento em que Sigismundo é apresentado ao novo mundo, fruto de incertezas e inseguranças. No local em que Sigismundo fora criado, longe de tudo e de todos, certamente existia a ideia de uma vida regada a seu próprio mundo, em prol de seu eu; Sigismundo não tinha contato com o externo, com o outro, o que, agora, neste momento, da apresentação ao mundo como de fato ele é (de interesses como, por exemplo, vislumbramos na peça em estudo), se torna trágico para a personagem. É um momento incerto, de impossibilidades, sem sentido na visão de Sigismundo. Além disso, a condição trágica nasce no mundo moderno e como já discutido reflete as incertezas e os desencontros do mundo atual, uma vez que a tragédia não resolve os sentimentos

humanos.

A peça de Ariano Suassuna coloca em destaque também alguns temas que lembram muito uma grande tragédia como, por exemplo, os adultérios, as revelações misteriosas, os assassinatos e os amores fervorosos, poucas são as vezes em que aparecem momentos cômicos ou de alegria, há maior predominância de tensão e dramaticidade. Ainda é possível fazermos uma comparação da peça de Ariano Suassuna com algumas outras obras, pelas características de alguns temas: a temática do adultério se apresenta de forma muito aproximativa com o *Hamlet*, de William Shakespeare; o sacrifício da jovem amante possibilita a reconciliação do pai e do tio, concluindo a peça sob um céu limpo, que muito lembra o de *Romeu e Julieta*, também de Shakespeare.

Diante do exposto, percebemos também uma semelhança às tragédias gregas, “[...] na medida em que pressupõe uma concepção da vida humana com suas limitações e contradições – a dor, a morte, a falta de consciência e de domínio total sobre a realidade natural, pessoal e social” (ROHDEN, 2009, p. 13), embora a peça de Ariano Suassuna seja uma tragédia moderna, ela carrega muitas dessas características, posto que algumas tragédias – a exemplo de *O arco desolado* – explicam o mundo grego.

Nesta direção, a tragédia e o trágico são elementos que podem ser percebidos em *La vida es sueño* e em *O arco desolado*, principalmente no que diz respeito à análise da personagem Sigismundo. Como mostraremos adiante, a personagem mencionada embebece desses dois elementos e eles são fundamentais para a composição, cada um à sua maneira, do projeto estético-reflexivo de La Barca e de Suassuna. De um lado, temos em *La vida es sueño* um Segismundo que torna sua própria existência um sonho bom, até porque o título da tragédia é “A vida é um sonho”, e que vai contra a predição sobre o seu nascimento, com a finalidade de instaurar um reino de justiça e justo; por outro lado, tem-se em *O arco desolado*, um Sigismundo que, após sair da prisão (do enclausuramento), desencadeia uma série de acontecimentos trágicos, e que vai purgar-se da possível bastardia do mundo, confinando-se de novo na prisão em que fora criado. Em outras palavras, Sigismundo, em Suassuna, apresenta um teor de mistério para a peça, pois ele surge no enredo em um momento de crise, isto é, de um lado, como uma suposta salvação (salvação para o reino, uma vez que ele pode se tornar o novo rei), e de outro, como uma profecia sangrenta (no sentido de trazer calamidade, desordem e desgraças para o reino).

Aqui, é necessário mencionar que as duas peças teatrais apresentam algumas aproximações e alguns distanciamentos: *O arco desolado*, de Ariano Suassuna, e *La vida es sueño*, de Caldéron de La Barca, se embebecem da tragédia, ou seja, as narrativas criadas partem de traços da tragédia, enquanto gênero, do trágico e do mito. O que as diferencia na verdade é a condução do fio narrativo: se em Caldéron de La Barca o império se encontra na figura do príncipe Segismundo, escrito com “e”, que é uma figura que pretende impor a criação de um reino justiceiro, sempre em prol de um sonho bom; em Suassuna, presenciamos acontecimento trágicos que se voltam ao enclausuramento em que o príncipe Sigismundo, com “i”, se encontra. Se na peça anterior não existia o aprisionamento, agora, em Suassuna, se vislumbra intensamente. O mito como referência ao primeiro Segismundo vem com força agora no Sigismundo de Ariano Suassuna, no sentido de tentar resgatar o primeiro príncipe, no caso, o da lenda.

Em tese, podemos afirmar que a tragédia de Suassuna é uma (re)leitura atual e consistente da tragédia de Caldéron de La Barca. Sem muitas delongas, o que as diferencia é o trato com que os autores lidam na condução da narração, que de início parecem ser iguais, mas são diferentes no tocante aos aspectos narrativos, como já discutimos. Por isso, para a tragédia de Suassuna, achamos pertinente lançar visibilidade aos trabalhos de teóricos e pesquisadores que contribuem para uma discussão que gire em torno da tragédia, do mito e do trágico, que já foram expostos na primeira parte desse artigo.

Nesse ponto, o objetivo da tragédia na visão de Aristóteles seria o de imprimir três características, a húbri, a hamartia e a catarse. A húbri é o excesso, uma espécie de ação desmedida que leva nesse caso à hamartia. A hamartia é o erro, ela introduz a noção de falha. É uma combinação entre a húbri e a hamartia conjuntamente, ou seja, a repetição de uma mesma ação. É bom ressaltar que erro é um conceito que vem antes de culpa, uma vez que culpa é o que hoje é mais falado e mais consenso no dia a dia, e erro é um conceito anterior e foi introduzido antes de culpa no caso do Ocidente, já que tem uma ligação muito mais próxima e mais voltada ao Cristianismo. Além disso, culpa tem um sentido mais individual, já erro no sentido do trágico é ligado à comunidade, isto é, o erro de um seria o erro de todos.

No caso, a comunidade seria responsável por aquele sujeito que errou, é corresponsável, a identidade de cada um é a de todos, de modo que o erro cometido não é responsabilidade de um sujeito, mas é previsível por todos. Ele pode ser aceito e

expurgado, é uma dupla face. A tragédia, portanto, produz a catarse, que é uma forma simbólica de retirar o mal da comunidade. Se pensarmos essas categorias levando em consideração a peça de Ariano Suassuna podemos compreender que a falha trágica (hamartia) se instaura no momento em que todas as outras personagens do reino acham que, pelo fato de o rei não ter um filho legítimo de sangue, qualquer outra pessoa do reino poderia se “candidatar” ao título, mas como uma forma de conspiração contra esses “invejosos” que primam apenas pela tomada do poder e pelos prestígios que o reino poderá lhes oferecer, não contavam com a existência real do filho do rei.

Aqui há uma falha trágica no sentido de que agora, com a chegada do filho, o reino será totalmente modificado, principalmente, a começar pela nova escolha para suceder o rei, que neste caso será seu filho legítimo. O destino acaba aparecendo no cumprimento desse grande feito do novo rei. O filho até então bastardo agora se coloca em uma nova perspectiva e em um novo lugar (que sempre fora seu, convenhamos). E nessa relação conjunta da húbri com a hamartia, em consequência, aparece o poder catártico como uma forma de retirar o mal da sociedade e assim propor novas e mais precisas significações.

Apercebendo-se disso, é importante frisar que na tragédia moderna não há a questão do destino porque se refere à concepção moderna do mundo em que o indivíduo moderno não tem esse apego, esse compromisso com a sociedade mitológica, digamos assim, é como se o homem vivesse em um mundo que foi abandonado pelos deuses, o homem se encontra com essa independência, ele tem liberdade de escolha. O moderno é quem faz o seu destino. Por outro lado, na tragédia *O arco desolado* nós realmente percebemos que Sigismundo está cumprindo uma profecia e neste sentido há o destino. Embora se trate de uma tragédia moderna, no sentido de não ser clássica, porque a clássica tem aquela concepção fechada do mundo, que é o mundo governado pelos deuses, há a profecia e o destino no sentido da profecia, no sentido de Sigismundo estar cumprindo essa profecia. Existe o aspecto de ser uma construção moderna.

Considerações sobre o “Mito” em *O arco desolado*

Em *La vida es sueño*, de Caldéron de La Barca, existe o mito de que a personagem Segismundo seja uma representação da desordem e do caos; em *O arco desolado*, por sua vez, há a ideia de que o Sigismundo, com “i”, criado agora por Suassuna, seja uma continuidade do primeiro e que consequentemente trará problemas ao reino. De fato, isso

se confirma e a profecia é alcançada ocasionando uma situação trágica na vida da personagem elaborada por Suassuna. A respeito do mito, concordemos com Mircea Eliade (1978) quando ele assevera que:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. (ELIADE, 1978, p. 11)

Desse modo, os mitos têm a finalidade de descreverem acontecimentos que estão relacionados ao ser humano, isto é, não apenas relatam o surgimento das coisas e do mundo, mas dão conta de todos os acontecimentos que determinaram a condição do homem no mundo e o constituíram como ele é. Afinal, a tragédia ideal, para Aristóteles (1987), é aquela que se vale da utilização de alguns mitos. Existe na tragédia de Ariano Suassuna a questão do mito desencadeando a vida de Sigismundo, é como se o mesmo fosse obrigado a ser um rei mal, a fazer besteiras por conta do mito do primeiro Segismundo da peça *La vida es sueño*. É como se Sigismundo não tivesse escolhido a não ser trazer calamidade e desgraças para o reino em função da profecia, uma inabilidade da parte dele em lutar contra esse destino.

Essa ideia fica clara se pensarmos na forma do mito quando esta sempre apresenta uma pergunta implícita, interrogações, ou seja, quando a pergunta e a resposta se encerram nelas mesmas. Dessa maneira, o destino, no mundo clássico, os deuses dão a certeza da vida, e o destino, no mundo moderno, não existe, pois, no mundo moderno, o homem é quem faz o seu destino. Não depende dele. No entanto, é um caso de diluição do espírito trágico, só possível na antiguidade clássica, por isso, os conflitos são de dimensão menos trágica. Vejamos:

Bernardo – Vosso filho se chama Sigismundo. O parto da rainha foi difícil e o menino quase morre. Temendo a sua morte repentina, Clemente, o pastor, batizou-o com o nome do santo cuja festa se celebrava, que era o rei borguinhão, São Sigismundo. Assim, por acaso do destino, e sem que para isto interferíssemos, cumpriu-se a profecia na criança. Por outro lado, na noite anterior, a rainha sonhara um parto negro, em que uma coisa terrível cobria um animal desconhecido, de forma estranha. Não me recordo bem de suas expressões, mas ela estava aterrorizada, e temendo que o filho fosse realmente mau, que causasse ao pai e ao reino os males que seu nome lhe cravara na carne, ordenou-me, contra minha opinião, que me calasse, e

construísse a prisão em que viveu seu filho, desde que teve idade para isso até agora. Até que atingisse essa idade, viveu ele na gruta, pois a rainha encarregou o pastor de criá-lo. Quando estava em idade de suportar a prisão, eu o fui buscar e encerrei-o na cela, que já estava pronta. (SUASSUNA, 1952, p. 409)

Na peça, a tragédia está presente no sentido de a mesma já ser por si só uma tragédia moderna em que elenca várias ações desencadeadas por personagens heroicos (na peça em questão, consideramos Sigismundo como um herói não no sentido literal da palavra, de ter atos heroicos, mas sim no sentido de ser a figura real) que mais na frente se deparam com um acontecimento trágico/mortal. É o que acontece na tragédia de Ariano Suassuna: primeiro que a mesma já inicia de forma surpreendente, com a morte da rainha, é algo que choca, em seguida, tem todo um desmembramento em cima dessa morte, que por sinal não foi por acaso, logo em seguida, vem os desencontros e as desavenças pela renúncia do rei, mais à frente a revelação da existência de um filho que rende muitas especulações no reino e depois todo o desenrolar quando Sigismundo é revelado ao mundo e os acontecimentos trágicos em função disso; logo, todas essas ações desencadeiam uma dramaticidade. Existe, neste caso, uma continuidade das ações que sempre vai partir de uma situação a uma ação, por isso a tragédia é dialética.

O trágico, se pensarmos como a pulsão que vigora na tragédia (o homem em desequilíbrio com o mundo e o seu destino), se encontra em *O arco desolado* no sentido de percebermos esse desequilíbrio com o mundo na personagem Sigismundo. Sigismundo fora a vida toda criado em um ambiente solitário sem contato com ninguém e com o mundo, apenas com aquele que lhe levava comida e roupas, isso o fez crescer e encarar o seu entorno de maneira passiva, sem perspectivas, até pelo simples fato de que sua criação o fez se adaptar a uma condição humana de individualidade, é como se o mundo, para ele, fosse daquela forma e não existissem outras possibilidades. É uma personagem construída em desequilíbrio/desordem consigo mesmo, com o outro e com o exterior.

A condição trágica pela qual passa a personagem Sigismundo diz respeito à situação em que ela se encontra: tachado como um filho bastardo do rei e com o estigma, através do primeiro Segismundo da peça espanhola como já mencionado, como um rei da desordem e das coisas negativas que pode causar ao reino. O pesquisador Mario Fleig (2009) no texto “O que a tragédia e o trágico podem nos ensinar?”, parafraseando Heidegger (1987) defende que:

Não simplesmente a estrutura de uma determinada narrativa, mas quais seriam os elementos mínimos que delimitariam estruturalmente o que podemos chamar de trágico. Temos de convir, em primeiro lugar, que o trágico é algo que define a especificidade da condição humana, na medida em que é nele que se realiza o que há de mais estranho no estranho: ele é *to deinatatton*, como nos lembra Heidegger (FLEIG, 2009, p. 38, grifos do autor).

Assim sendo, é válido ressaltar que o trágico pode ser encontrado no nosso cotidiano desde um relato do dia a dia a uma dimensão trágica de nossa vida bem maior e compreende a nossa existência humana. A visão trágica do mundo é a ideia de um mundo carente de sentido, que está tão presente no nosso mundo moderno. Na peça de Ariano Suassuna percebemos no momento em que, pela força do destino e temendo uma revolta ainda maior ao reino, Bernardo afirma que tem um segredo a revelar. Vejamos:

Bernardo - Devo fazer revelações que talvez mudem completamente o destino do reino, senhor. A rainha proibiu-me de falar nesse assunto a qualquer pessoa. Sei no entanto que, para evitar a guerra, ela me desligaria de meu juramento. Além disso, no seu delírio, falou-me ela do fato, como se desejasse que vós dele tivésseis conhecimento, pois ao falar, referia-se também a vós. E como está ela morta, peço-vos autorização para revelar tudo. (SUASSUNA, 1952, p. 405)

Temendo uma desordem/tragédia ainda maior ao reino, a morte da rainha deixa alguns pontos ainda a serem organizados. A morte, por si só, já é uma condição trágica humana, e certamente como acontece na peça, é permeada por vários acontecimentos que precisam de uma solução, que talvez não com a morte da rainha pudessem ser solucionados. Um ponto trágico que chama atenção na peça de Ariano Suassuna é o momento em que a rainha morre e todos do reino se sentem indefesos e sem saberem o que fazer, pois este acontecimento trará sérios problemas ao reino. Pensando nisto, na solução de talvez mais este problema, Bernardo afirma que tem algo a dizer e que irá resolver o problema do reino e afirma que o rei tem um herdeiro, um filho. Esse momento da revelação causa incômodo porque agora o príncipe Sigismundo se torna o herdeiro legítimo do trono e toda a guerra que estava sendo travada pela falta de filhos do rei se desfaz/se rompe.

Considerações finais

Finalizamos essa discussão, como critério resumitivo, afirmando que na tragédia clássica temos a concepção de um mundo fechado e que é governado pelos deuses, na tragédia grega há a presença da dor, da morte e da falta de consciência que são, hoje, temas muito caros à tragédia moderna em que não se há um destino a cumprir. Na peça de Suassuna, a personagem Sigismundo, embora pertencendo a uma tragédia moderna, devido ao mito (que já foi discutido), está cumprindo uma profecia e assim há a instauração do destino. Chega a ser um tanto contraditório afirmar que na tragédia moderna há o mito, onde de fato não há, mas nesse caso estamos a analisar especificamente uma tragédia feita por Suassuna em tempo atual, que a nossa maneira de interpretação, é impossível não “ler” Sigismundo por essa ótica. Acreditamos que foi possível demonstrar ao longo do trabalho como os elementos [tragédia, trágico e mito] se imbricam na narrativa de Suassuna.

Embora se trate de uma peça não publicada, o autor pernambucano conseguiu harmonizar de maneira muito feliz, talvez, o seu projeto maior, que é equilibrar erudito e popular em uma única obra, e para atingir esse objetivo Suassuna elabora uma nova leitura da peça trágica *La vida es suenõ*, de Caldéron de La Barca. Na peça em questão, além de mostrar ações que não se desenvolvem sem sobressaltos, alguns diálogos, à guisa de exemplificação, nos permitem perceber uma linguagem carregada de figuras de linguagem, o que evidentemente revela uma distância com relação a outros textos de Ariano Suassuna. Na peça, vemos personagens que vivem uma realidade trágica pelas circunstâncias impostas por outros personagens e pela profecia que se concretiza.

Enfim, esperamos que a discussão aqui proposta possa suscitar outras e melhores investigações. O autor pernambucano Ariano Suassuna é sempre digno de ser estudado por dentre outros fatores, principalmente, o de enaltecer de forma crítica a nossa cultura, e tentar fazer um estudo de algumas de suas obras por um viés da tragédia, sem dúvidas, é um tema que ainda pode gerar outros tantos trabalhos acadêmicos. Assim, esse breve artigo é apenas um convite à rica literatura de Suassuna. Desejamos, pois, que novos horizontes possam ser desbravados.

Referências

ANDRADE, Émile Cardoso. **A representação do trágico na literatura latino-americana pós-45**. 2006. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária), Universidade de Brasília, UnB, Instituto de Letras: Departamento de Teoria Literária e Literatura, Brasília, 2006.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Sousa. Maia: Casa da moeda/Imprensa nacional, 1987.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FLEIG, Mario. O que a tragédia e o trágico podem nos ensinar? In: AZAMBUJA, C. C. de.; VIERO e LUÍS, C. A.; MELLO, F. M.; ROHDEN, L.. **Os gregos e nós**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. p. 37-55.

ROHDEN, Luiz. A tragédia grega e nós: um jogo hermenêutico. In: AZAMBUJA, C. C. de.; VIERO e LUÍS, C. A.; MELLO, F. M.; ROHDEN, L.. **Os gregos e nós**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2009. p. 13-36.

SILVA, Renato Candido da. **O trágico em trânsito: reescrituras de Antígona em Jorge Andrade e Ângela Linhares**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Literatura Comparada, Fortaleza, Ceará, 2019.

SUASSUNA, Ariano. **O arco desolado**. Recife: versão datilografada pelo autor, 1952.

SZONDI, Peter. **Ensaio sobre o trágico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

Submetido em: 04 jun. 2020

Aprovado em: 05 dez. 2020